



A VISUALIDADE TOCANTINA NA OBRA DE MARCONE MOREIRA

Adriane Santos Lima¹ - Unifesspa- adriane1310@gmail.com
Profa. Msc. Cinthya Marques do Nascimento² - Unifesspa- cinthyam@unifesspa.edu.br

Agência Financiadora: PIBIC/CNPq

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Artes Visuais – Historiografia da Arte

O presente trabalho é resultado do projeto de pesquisa “Trajetória das Artes Visuais na Região Sul e Sudeste do Pará” que pretende refletir e analisar a obra do artista visual Marcone Moreira dentro do plano de trabalho “Memórias de bolso: a história visual da cidade de Marabá”. Neste texto pretende-se apresentar e analisar as obras *Proa* (2003), *Margem* (2006) e *Trilhos* (2007), que dialogam com a visualidade da região de Marabá, - cidade localizada no sudeste do estado do Pará.

A análise dos trabalhos foi realizada em diálogo com o contexto local e partindo do que os teóricos Alixa Santos e Deize Botelho nomeia de *Estética Tocantina*, que parte das relações desenvolvidas pelos moradores da cidade com os rios que banham a cidade de Marabá, os rios Tocantins e Itacaiúnas. Ambos dialogam permanentemente com o cotidiano da cidade, e neste trabalho estima-se evidenciar as relações encontradas na obra do artista com o cotidiano ribeirinho, buscando discutir em suas obras as relações entre os rios e a vivência dos moradores da cidade. Estas análises foram possíveis a partir da leitura dos catálogos Marcone Moreira: *Trabalhos selecionados 2003 – 2016* do projeto contemplado no programa de Fomento à cultura Carioca – SMC (Rio de Janeiro, RJ, 2015) com texto de Moacir dos Anjos, Marcone Moreira: *Visualidade Ambulante* com textos de Marcus de Lontra Costa e Marisa Mokarzel, projeto contemplado pela Funarte no Prêmio Funarte de Arte Contemporânea. Belo Horizonte (Belo Horizonte, MG, 2011) e do catálogo Marcone Moreira: *Arqueologia Visual* com texto de Marisa Mokarzel publicado pelo Espaço Cultural Banco da Amazônia (Belém, PA, 2007).

O processo de criação artística de Marcone Moreira - que utiliza de diversas linguagens visuais para desenvolver suas obras, inicia-se ao chegar à região de Marabá em 1997, aos 15 anos de idade. Neste período o artista entra em contato com o Espaço Cultural Galpão das Artes de Marabá (GAM), criado no mesmo ano por iniciativa de artistas e ativistas culturais atuantes em diversas linguagens artísticas na região. O GAM era representado pela Associação de Artistas Plásticos de Marabá (ARMA) formando pelos artistas: Rildo Brasil, Antônio Botelho, Tereza Bandeira, dentre outros.

Nesse contexto, o GAM gerenciava uma rede de atividades culturais em Marabá e municípios vizinhos, pois neste espaço eram ministrados oficinas, cursos e atividades culturais no campo das Artes Visuais, Cênicas, Música, Comunicação, Audiovisual, Artes Gráficas, dentre outras atividades. Esse espaço foi de suma importância para o início da trajetória do artista, pois no GAM ocorreram exposições, rodas de conversas ministradas por artistas e projeções de vídeos, filmes e oficina de leitura. O público alvo do espaço eram artistas, arte-educadores, escolas, organizações socioculturais e a comunidade em geral. Marcone Moreira desde criança teve interesse pelo desenho, desenvolvendo suas habilidades artísticas, e quando se mudou para Marabá iniciou sua produção artística, e o GAM contribuiu de forma expressiva para o seu engajamento no campo das artes.

Com sua visão de artista, Marcone Moreira expõe de maneira incomum a realidade local de Marabá e região, evidenciado pela série de trabalhos artísticos que ele produz a partir da coleta de resíduos de embarcações encontrados na orla da cidade, da madeira dos barcos abandonados à beira do rio para compor

¹ Estudante da Graduação de Licenciatura em Artes Visuais (FAV/ILLA/Unifesspa). Bolsista do Projeto de Pesquisa “A trajetória das Artes Visuais na região Sul e Sudeste do Pará”. E-mail: adriane1310@gmail.com

² Mestre em Artes Visuais, Docente da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Linguística, Letras e Artes (FAV/ILLA/Unifesspa). Coordenadora do Projeto de Pesquisa “A trajetória das Artes Visuais na região Sul e Sudeste do Pará” e-mail: cinthyam@unifesspa.edu.br

um trabalho tridimensional em diálogo com a pintura, que se relaciona diretamente com as vivências do cotidiano ribeirinho da cidade. Ele opta por esse meio de transporte e pelo material que compõe as embarcações pois este é um meio de circulação popular da sociedade local, e durante muito tempo foi o principal meio de transporte de bens e pessoas.

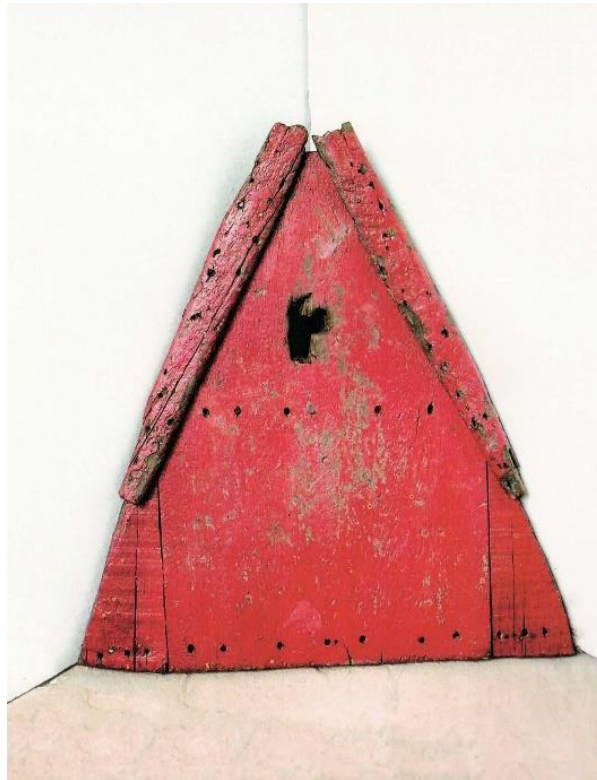


Figura 1 - Proa (2003) Madeira Pintada, 66 x 62 cm. Coleção Miguel Chaia, São Paulo.

O rio faz emergir um emaranhado de memórias e signos que lampeja na cidade. Essa dimensão tão variada de coisas revela-se aos sentidos como cheiro, sabores, cores, sons, formas, repletas de contradições, de gentes de todo lugar. Além do mais, a cada instante que o homem interfere no seu cotidiano traz à tona elementos da estética que a comunidade pluraliza. Muitas vezes, esquecidas nas estranhas formas com o que convive corriqueiramente atrelada a ela, diversificando a qualidade de Eu imaginário simbólico. É expressão de uma política que se representa naquilo que insiste ser a relação vital com o rio e a floresta para a existência da urbanidade ribeirinha. Portanto, a cidade à beira do rio é símbolo de resistência cultural da amazonidade: sobrevive, vive, persisti, resiste e confronta. (BOTELHO E FILHO, 2013, p. 16)

Com os descartes dos barcos recolhidos por Marcone Moreira, ele se debruça em um projeto que visa mostrar a realidade do município de Marabá, que apresenta indícios de ser um lugar que possui um grande fluxo de pessoas, barcos, veículos e mercadorias, pois esta região é de fato bastante explorada, ao mesmo tempo que é uma cidade banhada por dois rios, também é cortada pela rodovia Transamazônica e a Estrada de Ferro de Carajás, e, partindo dessa realidade de grande fluxo urbano e cultural, o artista se apropria de objetos descartados em busca de outras funcionalidades, dessa vez no campo artístico.

Sendo assim, para contextualizar o conjunto de seus trabalhos é fundamental realizar uma análise da história local em que esses objetos foram recolhidos, pois, Marcone Moreira se apropria do objeto para sua prática criativa. Um paradoxo surge a partir da reflexão acerca da impossibilidade de recolher informações completas sobre o tempo de uso dos objetos coletados, pois, diante de uma peça desgastada não é possível

saber ao certo o seu tempo de uso e muitas vezes a sua utilidade inicial, pois o artista se apropria de restos de embarcações, a fim de exaltar a importância dos barcos como meio de transporte nos rios Tocantins e Itacaiúnas, utilizado tanto para o deslocamento de pessoas quanto para o transporte de bens na cidade de Marabá.

A obra de Marcone Moreira é, assim, ancorada nesses paradoxos, para alguns, é notável o interesse pelas superfícies pintadas presentes em muitos trabalhos. Para outros, há o interesse pelo aspecto envelhecido ou rústico. Seus trabalhos não possuem limitação de significados, não se apresenta para todos de uma única maneira, mas apresenta percepções e entendimentos distintos de cada expectador. Ao utilizar madeiras de embarcação, retalhos de tecidos grossos de *nylon* ou carroceria de caminhão velho, ele opta por trabalhar com peças envelhecidas visando enfatizar a importância da memória local da região em que se insere.

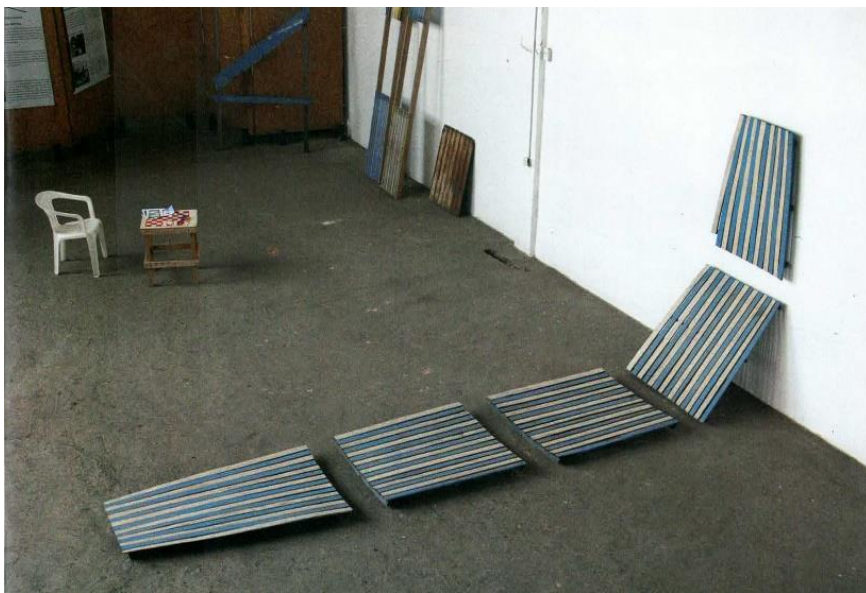


Figura 2 - Margem (2006) Estrutura de embarcação. Madeira Pintada, 500 x 200 x 100 cm.

Na discussão da *Estética Tocantina*, não se deve considerar simplesmente os aspectos que preenchem o individualismo do gosto das pessoas que vivem no território da *amazonidade* paraense, no sudeste do Pará, mas se deve elencar um conjunto de fatores sensíveis, capazes de impulsionar o olhar, na perspectiva de captar diferentes comunicabilidades e territorialidades visuais na mediaticidade dos ecossistemas poéticos existentes. (BOTELHO E FILHO, 2013, p.17)

Neste sentido, é possível afirmar que o artista salienta em suas obras um olhar a partir de uma *estética tocantina* refletida em suas produções, por meio da construção de obras que partem do pensamento abstrato e da observação dos barcos encontrados no leito dos rios Tocantins e Itacaiúnas, pois este meio de transporte sempre esteve presente nesta realidade como representação desta *estética tocantina* social e econômica.

A *estética tocantina* é, portanto, uma influência de fatores que se cruzam no cotidiano da cidade de Marabá, resultando em uma complexidade de signos visuais que alimenta um forte dinamismo cultural, resultando da forte migração na região pois tem sua população formada por migrantes que construíram essa sociedade, em diálogo com o desenvolvimento do cotidiano ribeirinho.

Desse modo, também é possível refletir a relação do homem e da natureza deste lugar, haja vista que é uma região que viveu consequentes ciclos de exploração, minerais e extrativistas, vivenciados ainda nos dias atuais de forma permanente pela população que reside na região sudeste do Pará.

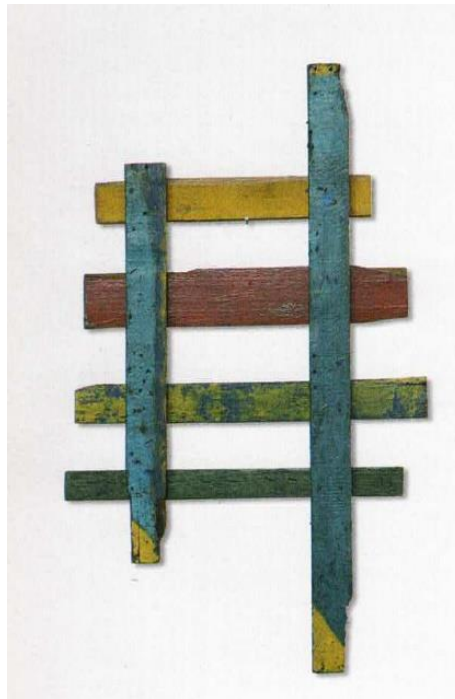


Figura 3 - Trilhos (2007) Madeira pintada, 90 x 50 cm.

Sendo assim, as obras Proa (2003), Margem (2006) e Trilhos (2007) dialogam com a visualidade da região de Marabá quando o artista reordena estes objetos, extraíndo-os do lugar comum em que são percebidos para além do visível - das embarcações abandonadas na orla da cidade, e reorganiza-as partindo para um diálogo direto com o desenho na galeria de arte, transformando estas obras em instalações e esculturas que buscam produzir significados relacionados à esta região.

Neste sentido, é possível afirmar que as obras de Marcone Moreira refletem a importância da memória social enquanto história viva do lugar entre dois rios, compartilhando nessa margem imaginária que divide-os e aproxima, e que cruza a vida da população da cidade de Marabá.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Deize, FILHO, Alexandre. **Arte relacional na Amazônia: Estudo sobre a ação Barcor – Estética Tocantina**. Site Galeria Vitória Barros. Marabá, 2018.

MOREIRA, Marcone. **Trabalhos selecionados 2003 – 2016**. Projeto contemplado no programa de Fomento à cultura Carioca – SMC, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

MOREIRA, Marcone; COSTA, Marcus; MOKARZEL, Marisa. **Visualidade Ambulante**: Projeto contemplado pela Funarte no Prêmio Funarte de Arte Contemporânea. Belo Horizonte, MG, 2011.

MOREIRA, Marcone; MOKARZEL, Marisa. **Arqueologia Visual – Marcone Moreira**: Espaço Cultural Banco da Amazônia. Belém, PA, 2007.